



Cenário. Propriedade em que os escoteiros acamparam



Memória. Registro da antiga casa de Afonso Xavier



Mudança. Igreja Batista construída no lugar da casa

TAUBATÉ

Julio Codazzi
@juliodazzzi

Em 1985, o grupo de escoteiros acampou no quintal de uma área onde morava Afonso Xavier, que era uma espécie de guia do Pico dos Marins. Ele e a esposa tinham 10 filhos, mas apenas quatro continuavam no local - três filhas, que dividiam com os pais uma casa simples, de um cômodo somente, e um filho, que morava em um quarto construído do lado de fora.

No dia 4 de julho de 1989, pouco mais de quatro anos após o sumiço de Marco Aurélio, esse filho de Afonso também desapareceu e nunca mais foi visto. À época, João Carlos Xavier tinha 38 anos.

Após o desaparecimento de João Carlos, duas das filhas de Afonso, que moravam em Minas Gerais, foram até Pi-



Palco. O Pico dos Marins, no município de Piquete

quete para ajudar nas buscas ao irmão: Helena da Conceição Xavier, que hoje tem 61 anos, e Marlene da Conceição Xavier, de 59 - são elas que a Polícia Civil tentará ouvir a partir de agora.

Foi nessa época que Helena disse ter visto na propriedade algo semelhante a uma cova. “Uns dois meses depois do meu irmão sumir, entramos no mato e vimos uma cova.

Mas não conseguimos cavar, porque a gente não tinha ferramentas”, disse à reportagem na última quinta-feira (15). “[A cova] era uma escavação, já cheia de terra, do tamanho do corpo de uma pessoa, mais ou menos”, afirmou.

À época, o caso passou despercebido. Afonso morreu em junho de 1997, e a esposa dele morreu há 20 anos. O relato sobre a cova só reapareceu em 2019, quando Helena estava em dificuldade financeira e voltou à Piquete, para morar com o casal de amigos que adquiriu a propriedade que era de seus pais - o local foi transformado em um espaço de hospedagem e restaurante para quem visita o Pico dos Marins; a antiga casa da família, por exemplo, foi derrubada há seis anos e deu lugar a uma edificação que já abrigou uma igreja batista e hoje serve de residência para outros amigos dos atuais proprietários do imóvel.

Helena disse à reportagem que chegou a morar no local durante seis meses em 2019, e que nessa época contou aos atuais proprietários sobre a possível cova que teria visto 30 anos antes. Após o relato, ela teria recebido autorização para fazer buscas na área - o que para ela seria uma busca tanto pelo irmão, quanto pelo escoteiro.

“Nós ficamos uns quatro meses cavando lá. Cavamos muito, para ver se achava algo. Mas não achamos nada. Nós queríamos descobrir a verdade, mas infelizmente não conseguimos”, afirmou Helena, que hoje mora no município de Wenceslau Braz (MG).

O atual proprietário da área relatou o ocorrido ao pai do escoteiro, e foi essa a informação que fez Ivo Simon solicitar à Polícia Civil a reabertura das investigações. A reportagem tentou localizar o atual proprietário na última quinta-feira, para questionar por que o relato ao pai do escoteiro foi feito apenas em maio desse ano, mas ele não atendeu os telefonemas e não respondeu as mensagens deixadas por OVALE. ■

VERSÕES

Relato sobre a possível cova gerou uma série de boatos nos últimos meses

FAKE NEWS. Nos últimos meses, Piquete foi palco de uma série de boatos sobre o Caso Marco Aurélio. Um deles dizia que o relato sobre a cova teria sido feito por outra filha de Afonso, Marly Xavier, que morreu no início desse mês, de Covid-19. A família diz, no entanto, que Marly estava intubada, e portanto inconsciente, antes de morrer - ou seja, não poderia ter dado nenhuma declaração antes de falecer.

O outro boato dizia que o relato apontava que Marco Aurélio teria sido morto por João Carlos, que teria transido mental, e que teria sido enterrado por Afonso no chão da casa da família, que era de terra. Essa segunda versão é rebatida pelas filhas de Afonso. “Ele [João Carlos] começou a ter ataques epiléticos quanto tinha 15 anos, mas

não tinha dificuldade mental”, relatou à reportagem Marlene, que hoje mora em Delfim Moreira (MG). “Ele tinha ataque epilético, tomava remédios. Às vezes fugia e meus pais achavam. Um dia saiu e ninguém mais achou”, disse Helena. “Isso que estão dizendo, que o João matou o Marco Aurélio, é mentira. Ele não faria isso, e muito menos meu pai, que nem tinha arma”, completou Helena, que disse ainda que a possível cova que ela teria avistado não ficava próxima à casa da família. “Tem um laguinho no sítio, antes de chegar ao restaurante [construído pelos atuais proprietários]. Seria do lado do lago”, afirmou. Ao contrário de Helena, Marlene não acredita que o irmão e o escoteiro estejam enterrados na propriedade. “Eu não acredito. Já cavoucou tudo lá, mas não tem nada, não acharam nada”. ■

ÉRITO ERTO

rizou Polícia a retomar apuração
desapareceu nos Marins em 1985